

RESENHA

Carnaval: perspectivas, nuances e experiências pitorescas

Claudia Fátima Morais Martins*

Antes do furacão: o Mardi Gras de um folião brasileiro em Nova Orleans.

GÓES, Fred.

Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

Antes do furacão: o Mardi Gras de um folião brasileiro em Nova Orleans, de Fred Góes anuncia o desvelar dos estudos carnavalescos e de experiências pitorescas durante o segundo semestre de 2003 e o primeiro de 2004, para desenvolvimento de pesquisa de Pós-doutorado no Programa "Heranças compartilhadas: estudos comparativos em criatividade e performance no golfo do Mississipi e região do Caribe", com bolsa de estudos oferecida pela Fundação Rockefeller e junto ao Centro de Estudos latino-americanos Roger Thayer Stone, da Universidade de Tulane, em Nova Orleans.

É preciso ressaltar que as considerações, citações e idéias apresentadas aqui fazem parte do livro que estamos resenhando.

O autor do livro, Fred Góes, é Professor Doutor de Teoria Literária do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, ensaísta, contista, letrista e compositor. O Professor é especialista em estudos de teoria literária no viés comparatista das literaturas brasileira, européia, hispano-americana e americana. Desenvolveu pesquisa de Pós-Doutoramento junto à Universidade de Nova Orleans, Estados Unidos, com bolsa concedida pela Fundação Rockefeller para desenvolver de seus estudos nessa área.

A primeira consideração feita pelo professor, baseada nas leituras de Roberto DaMatta e Maria Clementina Pereira Cunha, diz respeito à constatação da existência de dois tipos de manifestações

do carnaval em Nova Orleans: a dos brancos, as Krewes, manifestação esta oficial na cidade, e a dos negros ou Black Indians, que não era reconhecida até os anos cinquenta, mas que sempre existiu e é considerada a festa do Mardi Gras Indians.

A segunda motivação pelo assunto em tela demonstra um interesse pelo gap histórico que o carnaval afro-créole representaria para a cidade americana no início do século XXI. Nesse âmbito, a pesquisa do Professor Fred Góes aponta para a existência de um "caldeirão de misturas" étnicas e culturais que estariam na base das representações do carnaval de Nova Orleans, propiciadas pela disposição geográfico dessa cidade:

A cidade de um lado nasce e se desenvolve às margens do Rio Mississippi, em um local em que este faz uma curva semelhante à lua nascente no hemisfério Norte-daí ser chamada de Crescent city; do outro lado, espalha-se às margens do imenso lago Pontchartrain.

Nova Orleans foi o palco de várias cisões que permanecem até hoje, como por exemplo, a miséria da população negra em contraposição aos brancos ricos do Garden District. Dessa forma, a cidade vive marcada por lutas contra as

inundações, furacões, incêndios, corrupção e epidemias diversas. Dentro desse cenário, a cidade possui vários cemitérios, fato este que lhe confere um ar de fantasmagórico e que atribui à região uma característica peculiar: a convivência "carnavalizada" dos mortos entre os vivos aumenta a atmosfera de mistério que envolve a cidade, o que se reflete na maneira de agir e de se comportar de seus habitantes e que torna rica de histórias a literatura oral do local.

Uma das mais marcantes características do nova-orlandeses é a de celebração. Esta celebração faz parte da cidade e dos cidadãos que se comprazem em enfeitar suas casas por ocasião das comemorações do Halloween, do Thanksgiving, do natal e, em seguida, aquelas carnavalescas do Mardi Gras. Não há, dessa forma, limites para a imaginação e para a alegria dos concidadãos que enfeitam inclusive árvores com laços de fitas quando não há uma comemoração específica a ser realizada. Esse aspecto demonstra o grau de animação e de folia que está presente nas ações do cotidiano, mantendo viva a chama e renovando o caráter de carnavalização presente na cidade durante todo o ano.

Por esse aspecto de festividade, de

afetuosidade e de celebração, as comunidades negras de Nova Orleans dão o toque de exuberância à cidade "seja pela musicalidade da fala, seja pelas formas afetuosas de tratar o próximo, e, em especial, pela maneira de se vestir". Há, inclusive, as associações chamadas de Jazz Funerals nas quais se celebra e se presta uma homenagem aos mortos, com pompa e circuntância, o que já determina uma precisa marca carnavalesca desse rito, pois os participantes dessas associações desfilam, mesmo que não haja funeral, a partir do mês de setembro, "dançando ao som de bandas de metais". (GÒES, Fred. Antes do Furacão: o Mardi Gras de um brasileiro em Nova Orleans. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008. P. 36)

Como o foco da pesquisa apresentada neste livro é o estudo dos traços de expressão negra do carnaval nova-orleanês, é necessário que se faça um percurso de retorno às origens dessa forma de manifestação na qual verificasse a presença marcante do carnaval dos brancos, como forma tradicional, e que se instituiu como representação oficial dessa festa dentro da sociedade de Nova Orleans. As comemorações do Carnaval em Nova Orleans são o fruto da transposição para as terras americanas do

carnaval europeu, respeitando-se, de certa forma os diversos contextos culturais das sociedades que o recebiam e que davam a essa festa tons, nuances e manifestações com cores locais e aspectos gerais de comemoração. O mesmo aconteceu na Terra Brasilis na qual o carnaval reflete uma influência direta das festas representadas pela sociedade parisiense, romana e veneziana. A tradição dos desfiles de carnaval data, assim, de 1830 em Paris e o carnaval era, portanto, uma festa de elite, marcada por grandes bailes sofisticados que aconteciam em imensos salões, cheios de luxo e de glamour. Era uma festa destinada a uma seleta parte da sociedade e que logo se disseminou por todos os extratos sociais, ampliando a sua gama de representações para os redutos populares periféricos.

Os foliões burgueses se organizavam em sociedades, exatamente como ocorreu no carnaval do Rio de Janeiro, e posteriormente no de outras capitais brasileiras, na segunda metade do século XIX. Sociedades que no mesmo período em Nova Orleans passaram a ser conhecidas como krewes e que, a exemplo das agremiações francesas e brasileiras, organizarão, além dos bailes, desfiles de carros alegóricos durante as festividades carnavalescas. Portanto, o

carnaval da burguesia parisiense não se restringia aos bailes: realizavam-se também os passeios ou desfiles que tinham como referência tanto os triunfos reais, quanto o corso romano renascentista. Ocupar as principais ruas da cidade com seus desfiles era ocasião ímpar de demonstração do poder da elite endinheirada.

Uma festa tradicional do carnaval francês, que conserva suas manifestações nas terras de além-mar, é a festa do boeuf-gra (boi-gordo) que está essencialmente presente no carnaval do século XIX e que foi apropriada pelo Mardi Gras. Trata-se, portanto, de um desfile no qual estão representados traços mitológicos da Antigüidade e que serviria para que a burguesia pudesse justificar a celebração carnavalesca "como forma de cultura alicerçada, tendo sido promovida pelos açougueiros parisienses". Essa festa consistia basicamente na apresentação do boi como figura central das comemorações, todo enfeitado por guizos, fitas e coleira de flores, montado por um menino vestido de cupido, que era precedido por um grupo de pessoas fantasiadas de "Deuses do Olimpo".

A festa do boi-gordo esteve presente na Krewe de Rex até 1909 e

reapareceu anos mais tarde no carnaval nova-orlanês como um dos símbolos mais representativos do carnaval dessa cidade.

O carnaval oficial de Nova-Orleans é representado pelas Krewes ou agremiações carnavalescas. Nessa cidade americana, as krewes são sociedades formadas por homens brancos e que se apresentavam em três configurações: "as que desfilam e promovem grandes bailes, as que só desfilam e as que promovem o baile". Em geral, é nesses bailes que as jovens são introduzidas na sociedade e fazer parte de uma krewe, em Nova-Orleans, significa estar inserido na sociedade local como membro efetivo, com direito de gozar dos benefícios de tal credenciamento. Encontramos nessa estrutura as krewes comerciais, que agregam pessoas que podem pagar por sua filiação à entidade, e as krewes sociais, destinadas aqueles que fazem parte da casta mais tradicional da sociedade nova-orleanesa que são dotados de posses e aparecem frequentemente nas colunas sócias da região. A primeira krewe a ser instituída foi a Mystic Krewe of Comuns, em 1857. A partir de então, várias krewes se organizaram e deram origem a tantas associações de krewes espalhadas pela

cidade que reúnem milhares de sócios ávidos de folia. Uma vez que o governo não financia o carnaval, as krewes são associações autônomas e são os sócios que pagam, em geral, o desfile e os bailes que eles organizam.

No período do carnaval, os homens se travestem de casaca e as mulheres colocam seus vestidos de baile, como na tradição francesa, simulando, assim, um pleno baile da corte. Essas krewes são organizacionalmente estruturadas de forma hierárquica na qual os seus membros se dividem em rei, capitão e oficiais que ocupam a função de tesoureiro, secretário, dentre outras. Na realidade, essa divisão hierárquica traz à tona não somente um aspecto do cotidiano local, bem como estabelece a delimitação de "preconceitos e segregações quotidianas".

Nos desfiles das krewes, consideradas as agremiações de Nova-Orleans, ao mesmo tempo em que se coloca a nu toda a estrutura de uma sociedade tradicional, se estabelece um rompimento, ainda que tênue, com a realidade normal dos cidadãos que vêm, dessa forma, essa manifestação como a possibilidade de cindir as amarras dos estigmas sócias pré-estabelecidos. Grande parte das krewes é formada basicamente

por homens que oferecem, de seus carros alegóricos, prendas e mimos a toda a população presente aos desfiles.

Do alto de seus carros alegóricos, os participantes que desfilam pela Saint Charles Avenue distribuem brindes, fato que é datado de uma tradição introduzida pela Krewe de Rex, em 1960 e que se mantém até hoje. Há, ainda, uma Krewe feminina, fundada em, 1970 e uma Krewe de cachorros, a Krewe of Barkus, que desfilam tradicionalmente no período do carnaval de Nova Orleans. As Krewes se formam e desaparecem com grande facilidade e aquelas que desfilam representam todos os estratos sociais da cidade, trazendo o que há de mais significativo para cada uma delas. É, dessa forma, um desfile acompanhado de música, mas como não há amplificação do som, o público escuta a música somente no momento em que as bandas passam, perdendo-se, assim, com a continuação do desfile, a melodia que o acompanhava.

A mais representativa krewe do carnaval nova-orleanês é a Krewe du Vieux. Trata-se da associação que mantém vivo, com maior dedicação, o espírito crítico do carnaval e que abre as comemorações carnavalescas muitos dias antes do início do carnaval. Seus carros

são pequenos e puxados a burro e são seus membros que confeccionam os trajes, as fantasias e os carros alegóricos que percorrerão as avenidas da cidade.

Não é porque tive a sorte de entrar em contato com membros da mais singular krewe e dela fazer parte que destaco a Krewe du Vieux. O fato é que ela guarda o velho espírito carnavalesco, o sentido de crítica, sátira, humor, que paulagtinamente vai desaparecendo nos carnavais, tanto de Nova Orleans quanto do Rio de Janeiro. [...] A Krewe du Vieux, insisto, é a única que mantém o velho espírito carnavalesco, corrosivamente crítico, a única a desfilar de pé, e por essa razão só ela tem autorização para desfilar no French Quarter. É ela também que abre a temporada de desfiles, muitos dias antes do carnaval, tornando-se, assim, um acontecimento na cidade.

A participação do pesquisador nessa krewe permitiu-lhe não somente decifrar os meandros do carnaval nova-orleanês, mas, sobretudo, perceber que o advento do carnaval abre caminhos para a imersão na atmosfera de folia, de mascaramento e institui a inversão dos valores do cotidiano. Tudo pode se transformar em tema nos desfiles das krewes, desde a pedofilia de Michael

Jackson até a comparação da Governadora da Luisiana, na época, com Marilyn Monroe.

É sob essa ótica que ocorrem os festejos do carnaval de Nova Orleans e ao lado das krewes brancas, oficialmente instituídas e reconhecidas, há também o carnaval negro que se caracteriza por homens negros vestidos de índios. Essa é uma peculiaridade que remonta a questionamentos bastante complexos: por que os homens negros escolheriam a vestimenta de índio para tal celebração? Seria a forma que eles encontraram para buscar uma identidade americana ou, então, seria uma forma de reação à instituição de valores éticos, morais e religiosos da casta branca, expressos pela sociedade de Nova Orleans como um todo?

No Rio de Janeiro, a presença da fantasia de índio nos blocos e nas grandes escolas de samba é bastante recorrente e antiga. Conforme ressalta o autor:

No Brasil, como nos Estados Unidos, é nas comunidades de afro-descendentes que a presença da fantasia de silvícola se faz notar de forma mais evidente. As tribus de índios do carnaval nova-orlanês têm, como o Cacique de Ramos, na umbanda e no candomblé, profundos alicerces religiosos nas "igrejas

espiritualistas". Em muitas dessas seitas há culto às entidades indígenas ancestrais, da mesma forma como ocorre na umbanda ou no candomblé caboclo.

Assim, o livro do professor Fred Góes apresenta, de maneira brilhante, clara e organizada, os resultados de sua pesquisa de pós-doutorado, levada a cabo de forma competente e solidamente amparada por um suporte teórico e metodológico bastante atualizado. A leitura prazerosa permite que as considerações feitas remetam o público a devaneios, a atmosfera de folia, de carnavalização e de simbologia que só os amantes das letras e das celebrações carnavalescas podem

proporcionar. É evidente que o objetivo da pesquisa foi alcançado mais do que satisfatoriamente, ou seja, o estudo das formas distintas de expressão em Nova Orleans: a branca, "oficial" e a negra, "não-oficial". Resta-nos, então, aguardar o próximo volume com a apresentação de temas que nos encherão de satisfação, prazer e gozo carnavalesco.

Referência:

GÓES, Fred. Antes do Furacão: o Mardi Gras de um brasileiro em Nova Orleans. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.





